

# Emília no País da Gramática: uma proposta de reflexão e de ensino de gramática para alunos do sexto ano escolar



Hermínia Maria Martins Lima Silveira\*  
Letícia Guedes Guimarães\*\*

## Resumo:

Este texto apresenta o relato de uma experiência de ensino de língua portuguesa vivenciada com alunos do sexto ano escolar de uma escola de tempo integral da rede federal de ensino. Objetivando trabalhar a gramática sob uma perspectiva funcionalista do ensino, realizamos uma atividade tendo por base o livro *Emília no País da Gramática*, de Monteiro Lobato. Por meio dela, buscamos trabalhar e ampliar, junto aos alunos, as noções de gramática, ensino e aula de português.

## Palavras-chave:

Ensino de Língua Portuguesa. Gramática. Língua em uso.

## Abstract:

This text presents the report of an experience of portuguese language teaching experienced with students of the sixth school year of a full time school of the federal education network. Aiming to work the grammar from a functionalist perspective of the teaching, we carried out an activity based on the book *Emília in the Grammar Country* from Monteiro Lobato. Through it, we seek to work and expand, together with the students, the notions of grammar, teaching and portuguese class.

## Keywords:

Portuguese Language teaching. Grammar. Language in use.

## Introdução

Neste relato, discorreremos sobre uma experiência de ensino de língua portuguesa vivenciada com alunos do sexto ano escolar de uma escola de tempo integral da rede federal de ensino. Primeiramente, vale contextualizar como surgiu a ideia de elaboração deste conjunto de ações pedagógicas, cuja elaboração objetivou atender a três principais pontos: a reflexão sobre o que significa aprender gramática; a compreensão de suas funções; e o conhecimento e reconhecimento dos manuais de gramática como um gênero textual com características próprias.

Durante as aulas de língua portuguesa, ainda no quinto ano escolar, eram constantes algumas perguntas por parte dos estudantes: “Quando teremos aula de gramática?”, “Isso que você está dizendo é gramática?”, “Estamos estudando gramática?”. As respostas da professora eram sempre no sentido de reforçar que, sim, eles estavam estudando gramática; porque toda língua conta com uma gramática própria, que lhe é inerente, sendo, por isso, impossível desvincular uma da outra. Mesmo com esse retorno por parte da professora,

\* > Professora do Núcleo de Letras do Centro Pedagógico da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. E-mail: hemartinslima@yahoo.com.br

\*\* > Graduada em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. E-mail: leticiagg1996@gmail.com

os alunos continuavam questionando. A questão que parecia estar se desenhando dizia respeito ao significado, à representação de gramática para eles.

Embora sejam alunos das séries iniciais do ensino fundamental, verifica-se que muitos têm uma representação sobre aula de português atravessada pelo imaginário coletivo dos pais, dos adultos da família, cujo contexto de aprendizagem de língua deve ter sido predominantemente o ensino prescritivo da gramática nas aulas de português.

Dessa forma, é possível verificar que, para os sujeitos deste trabalho, o ensino de língua está diretamente ligado ao ensino de gramática prescritiva, como se, de alguma forma, fosse possível isolar as regras de seu uso e transformá-las em um conteúdo a parte da realidade. Isso, é claro, não se confirma, pois faz parte da integridade da língua o conjunto de regras que a compõe.

O modelo tradicional de ensino de português, apesar de datar do século XIX, ainda se encontra cristalizado nas práticas educativas, as quais buscam ressaltar a importância do saber das normas (incorruptíveis) de bom uso da língua. Qualquer modo de ensinar que fuja a esse “modelo” sofre resistência por parte não só dos alunos, mas até mesmo dos pais, os quais, quando não se recusam a assumir aquilo como ensino de língua, questionam se, com efeito, seus filhos estão aprendendo gramática.

No sentido de ampliar as definições do que possa ser uma aula de português, uma das prioridades relativas ao ensino de línguas deve estar pautada na implantação de um programa que “leve, bem amplamente, a uma educação linguística, o que significa um programa de revisão de conceitos, de alteração de mentalidades, de superação de mitos e consensos ingênuos” (ANTUNES, 2009, p. 40). Foi primeiramente em cima desse pilar que buscamos nos apoiar ao elaborar a atividade.

Por outro lado, pudemos observar também que, apesar de os alunos associarem a ideia de regras ao português, eles não as ligam a um suporte físico ou digital. Ou seja, há a compreensão, mais ou menos intuitiva, da gramática tradicional como conjunto de normas a serem conhecidas e obedecidas, mas não há a concepção de gramática como livro.

Além disso, outros dois pontos permaneciam meio obscuros para eles. Primeiro, a consciência de que há livros de gramáticas de outras línguas; segundo, que seja possível existir outros tipos de gramática além da normativa. É totalmente compreensível que os alunos não tenham ciência – nem questionem de forma alguma – essas duas coisas, porque são aspectos que o ensino tradicional (por certo, o mais conhecido e vivenciado pelos adultos de convívio das crianças e, portanto, aquele cujas características elas têm mais probabilidade de conhecer) não põe em questão.

Quanto ao primeiro, o ensino de línguas estrangeiras dentro dos colégios é, em geral, feito de forma desvinculada do ensino de língua portuguesa. Há, sim, ligações do tipo “em português se diz assim, em língua x se diz assim”. No entanto, a discussão sobre o que é *realmente* a gramática do português não é feita de forma explícita, já que muitos alunos, principalmente nos anos iniciais, têm um conhecimento nulo ou apenas básico das especificidades dela enquanto livro e de suas outras possibilidades além da tradicional. Sendo assim, de que forma poderia se criar a consciência de que todas as línguas contam com uma ou várias gramáticas? Tal questionamento norteou, em diversos momentos, as nossas discussões em sala durante a atividade proposta.

No que tange ao segundo, a dicotomia certo/errado, pressuposta pela gramática tradicional, não suporta questionamentos, no sentido de que assumir uma terceira possibilidade além dessas duas riu os princípios que sustentam a sua organização. Isso responde à ausência de questionamento, além de explicar as inúmeras exceções, que às vezes avultam mais do que as próprias regras. Sobre essa questão, em consonância com Antunes (2003, p. 30), acreditamos que:

Há um equívoco tremendo em relação à dimensão da gramática de uma língua, em relação às suas funções e às suas limitações também – equívoco que tem funcionado como apoio para que as aulas de língua se pareçam muito pouco com ‘encontros de pessoas em atividades de linguagem’ (grifo do autor).

E menos ainda com uma possibilidade real de interação entre os sujeitos. Nesse sentido, o ensino da língua sob o viés funcionalista, apresenta-se como uma alternativa, pois trabalha as diferentes possibilidades de uso da língua. De acordo com essa perspectiva, a prática de sala de aula deve se constituir de ações pedagógicas que contribuam de forma significativa para apropriação de conhecimentos linguísticos e discursivos por parte dos estudantes, de modo que estes possam participar ativamente das diversas práticas de linguagem do seu cotidiano. A atividade planejada trabalhou, portanto, nessa direção.

Diante do exposto, partimos, aqui, do princípio de que o exercício de reflexão sobre o verdadeiro objeto de ensino das aulas de Língua Portuguesa deve levar em consideração primeiramente as representações que os estudantes têm de língua, de gramática e de aula de língua materna, para só então expandir em outras direções. A seguir, apresentaremos a proposta de discussão sobre gramática, que foi pensada a partir da obra literária *Emília no País da Gramática*, de Monteiro Lobato. Conjuntamente, estarão os resultados.

## Metodologia e resultados

De antemão, é preciso saber que a turma em questão tem o hábito não só de ouvir histórias contadas pela professora, mas também de contá-las durante as aulas. Esse tipo de atividade contribui de forma significativa para o desenvolvimento da capacidade de ouvir – competência relevante e que deve ser trabalhada nas aulas de língua portuguesa, uma vez que a adoção de uma postura de falante ativo de uma língua, qualquer que seja, exige a capacidade de saber ouvir o outro. Isso dito, podemos prosseguir.

O trabalho foi organizado em três etapas, a saber: apresentação e leitura da obra literária trabalhada; apresentação dos manuais de gramática de diferentes línguas (português, francês, inglês e espanhol) e discussão sobre as características desse tipo de texto; e, por fim, produção textual de um texto narrativo em prosa.

Na primeira parte, foram realizadas a análise dos elementos paratextuais da obra e a discussão sobre o seu autor, a partir das perguntas: “Você já ouviu falar em Monteiro Lobato? Já leu algum livro escrito por ele? Qual?”. A maioria dos alunos, apesar de afirmar não conhecer a biografia de Monteiro Lobato, disse que o reconhecia como o autor da série *Sítio do Picapau Amarelo*. Após esse momento de conversa descontraída sobre as experiências dos estudantes enquanto leitores e telespectadores dessa história, já que, ainda que não houvessem lido a obra, todos haviam assistido a alguma de suas adaptações (filme, seriado ou desenho), a professora iniciou a contação de história do livro *Emília no País da Gramática* e, rapidamente, os alunos foram reconhecendo as personagens de Monteiro Lobato.

Ao longo da realização dessas primeiras atividades, houve um envolvimento e um retorno satisfatório dos alunos. Alguns, inclusive, trouxeram para a sala obras do mesmo autor que eles tinham em casa; outros pesquisaram sobre ele e compartilharam suas descobertas com a turma.

O segundo momento, de apresentação de alguns manuais de gramática de diferentes línguas, propiciou aos alunos o manuseio dessas obras e a discussão sobre as suas características. Foi surpreendente perceber que muitos alunos não tinham a percepção de gramática como um compêndio. Tratou-se de uma atividade exploratória, cuja proposta era a realização de uma viagem ao mundo da gramática. Para tanto, as crianças,

organizadas em grupos, escolheram as gramáticas de língua portuguesa conforme os critérios elencados por elas e iniciaram a observação a partir do sumário de cada manual. A ideia foi não só apresentar a gramática como um “lugar” acessível, com o qual é possível interagir, mas também percorrê-lo; e, através desse processo, promover o envolvimento ativo dos estudantes com o objeto de ensino – um tipo de postura que está para além da “transmissão de conhecimento”.

Esse foi o momento de maior interação entre os estudantes. Conversando entre si, comentavam sobre os termos que liam, apontando aqueles de que já tinham ouvido falar e, portanto, conheciam de nome; e aqueles que geravam estranhamento; muitos riam e pronunciavam em voz alta os termos presentes no sumário, enquanto folheavam o livro de gramática à procura de suas definições.

A proposta de produção de texto, terceira e última etapa da atividade, tinha o seguinte comando: “Agora é a nossa vez de fazer uma viagem pelo país da gramática! Será uma aventura de muitas descobertas e diversão! Cada grupo escolherá uma gramática para se aventurar no mundo das palavras e descobrir o que existe na cidade dos substantivos, dos adjetivos, dos verbos, dos pronomes. A turma fará um passeio na cidade dos numerais, dos advérbios e descobrirá tantos outros lugares! Escreva um texto narrativo em prosa contando em detalhes sobre a viagem realizada por vocês.”

Como não houve direcionamento a respeito de que gênero textual deveria ser produzido, a escolha variou entre os grupos. De modo geral, podemos apontar três escolhas principais: conto, crônica e diário de viagem. A escolha de títulos foi ainda mais heterogênea, contudo, observamos que a maioria dos grupos optou por incluir nele a palavra gramática ou alguma semelhante: “*O mundo da gramática*”, “*Viajando na gramática*”, “*Sexto ano no país da gramática*”, “*Viagem ao mundo da gramática*”, “*Excursão no país da gramática*”, “*Um sonho gramatical*”. Apenas alguns poucos grupos escolheram algum tópico gramatical específico, resultando em títulos como “*O mundo da fonologia*” e “*Na cidade de fonema*”; e somente um optou por uma titulação sem uma relação mais direta com a gramática, nomeando seu texto de “*O lendário picolé de PF*”, em referência a um desenho animado da atualidade<sup>1</sup>.

A interpretação que cada grupo de alunos deu à proposta apresentada variou e isso, conseqüentemente, originou resultados diversos. Contudo, em geral, todos os grupos atenderam ao comando, explorando a gramática enquanto um mundo a ser visitado. Somente um grupo de alunos, o responsável pelo já mencionado título “*O lendário picolé de PF*”, seguiu por um caminho completamente diferente, não entrando de fato no mundo da gramática.

Contudo, ainda que, em tese, esses alunos não tenham atendido ao comando da atividade, eles utilizaram, ao longo do texto, algumas figuras de linguagem, dentre as quais o paradoxo e o polissíndeto se destacaram. Levando isso em consideração, decidimos intervir, sugerindo que eles “entrassem” na cidade das Figuras de Linguagem, uma vez que tinham feito uso de tantas delas; por meio disso, convidamo-los a refletir sobre o modo pelo qual, sem perceber, eles fizeram uso daqueles tropos. A percepção de ter usado algo aparentemente tão complexo deixou-os bastante animados. Com isso, ficou claro como os alunos acreditam não saber gramática e como se surpreendem quando percebem que fazem, sim, uso dela.

O processo de revisão e reescrita do texto que realizamos com os alunos após a entrega da primeira versão da produção foi essencial para trabalhar a ideia de que gramática e língua não se desvinculam. Durante esse momento, pudemos reforçar junto a eles a noção de que escrever é usar a gramática, utilizando para isso exemplos que eles mesmos haviam produzido. Para exemplificar isso, citaremos o caso de um dos grupos.

Nesse caso específico, os alunos resolveram visitar a Cidade do Presente. Durante a narração, ficou claro que a cidade visitada representava, em todos os aspectos, o tempo

1 > Referimo-nos, aqui, à série Oswald, exibida pelos canais *Cartoon Network*, na televisão por assinatura; e *TV Cultura*, na televisão aberta.

verbal que lhe dava nome, de forma que até mesmo o prefeito se chamava Senhor Presente. Por meio das ações dessa personagem, as ideias de imediatez e de representação do agora fugaz, pressupostas pela categoria gramatical escolhida, foram bem exemplificadas. Ademais, a própria cidade tinha um funcionamento que condizia com o nome recebido.

Durante o momento de revisão e reescrita, apontamos aos membros do grupo como eles não só tinham trazido algo da gramática, mas criado uma compreensão a respeito de como e quando utilizar o presente, ilustrando isso por meio do próprio texto que produziram. Contudo, deixamos claro que a construção desse conceito e sua aplicação seria sempre um processo, jamais um produto.

Enquanto viajavam ao mundo da gramática, a personificação dos elementos gramaticais parece ter contribuído para que eles (re)elaborassem uma representação imagética dos nomes que liam, proporcionando, em consequência, a construção de uma relação íntima com eles. A fim de ilustrar os movimentos discursivos dos alunos em seus textos, apresentaremos alguns trechos com intuito de verificar os seus modos de dizer sobre alguns elementos gramaticais.

**Trecho 1:** “De repente chegou um senhorzinho velhinho chamado Verbo [...] o senhor Verbo fez uma cara de quem estava cansado das minhas perguntas e respondeu entediado”.

É interessante observar como o grupo atribuiu um caráter de senilidade ao verbo. Intencional ou não, isso reporta, simultaneamente, ao discurso religioso e à sabedoria que é tradicionalmente atribuída aos mais idosos. A questão que parece surgir disso é: será que o verbo é, de alguma forma, considerado por esses alunos como uma categoria gramatical mais importante ou mais antiga que as demais?

**Trecho 2:** “Eles chegaram em um lugar muito diferente, quando viram uma placa escrita ‘Cidade da Fonologia’. Então, Fernando perguntou:

- Que lugar é esse? O que é Fonologia?
- E de repente aparece uma pessoinha e lhe disse:
- Meu nome é Fonema. [...]
- Você pode me explicar o que é fonema?
- Fonema é a menor unidade que participa da construção sonora da palavra.”

Nesse excerto, podemos ver que os alunos fizeram uma alusão direta à definição encontrada na gramática a respeito dos fonemas.

**Trecho 3:** “Quando chegamos lá vimos o Verbo, Substantivo e o Adjetivo reunidos entre si brigando para ver quem era melhor. A professora interrompeu a briga dizendo que nenhum era melhor que o outro que cada um tinha um papel importante na língua portuguesa.”

Ressaltar a relevância de todas as categorias gramaticais é, realmente, uma postura que adotamos em sala de aula. Foi curioso observar como isso refletiu na narrativa do grupo, que incorporou não só a imagem da regente de turma, mas seu discurso corrente.

**Trecho 4:** “[...] Quando esbarramos em um senhor alto que usava roupas de cores fortes e por isso vivia rodeado de abelhas, perguntamos o nome dele e ele respondeu com uma voz grave: Sou o Onomatopeia!”

Observar como, por meio da escrita do grupo, a onomatopeia não só adquiriu uma identidade masculina como também uma voz foi bastante interessante, porque reiterou o que dissemos anteriormente: de algum modo, os alunos se apropriaram dos conceitos, recriando-os para si e, dessa forma, tornando-os mais próximos.

O caráter investigativo da atividade desenvolvida parece ter proporcionado o envolvimento dos alunos na construção do próprio percurso de pesquisa e, por conseguinte, a construção de uma prática de observação, de análise e de interação com os manuais de gramática.

## Considerações finais

As conexões entre o que é aprendido como ensino de gramática e o livro gramática parecem não ser normalmente feitas nas aulas de língua portuguesa. Observando como os alunos desconheciam esse suporte, ficou patente a necessidade de mostrar-lhes toda a amplitude que a palavra “gramática” esconde; e isso, é claro, é uma coisa que com certeza não se restringe só a essas duas turmas.

Durante a realização dessa atividade, foi possível verificar que, quando há menção à expressão “aula de Língua Portuguesa”, parece ocorrer, por parte dos alunos, uma imediata associação entre português e gramática. Isso não está de forma alguma incorreto, uma vez que, como já reiteramos, toda língua possui, de fato, gramática própria. Contudo, a associação que se faz é com uma bastante específica: a tradicional, prescritora de normas. Nesse sentido, o nosso intuito foi ampliar, junto aos alunos, a representação do que é o ensino de língua e de gramática.

Além disso, buscamos trabalhar a noção de que embora a língua seja regida por normas e alguns padrões, ela é flexível e, portanto, a gramática de uma língua está a serviço do sujeito falante e não o contrário. No que tange ao ensino de língua, é fundamental considerar que “do ponto de vista das formas, a língua constitui um sistema estável, mas não estático e por isso varia e permite polissemia, metaforização, multiplicidade de sentidos e outros aspectos relevantes na produção textual e no processo de compreensão” (DELL’ISOLA, 2013, p. 43).

Desse modo, é preciso que os próprios professores tenham consciência do que ensinam para que os alunos consigam criar a mesma compreensão. Não só isso: também é necessário ter bem claro o conhecimento de como se ensina. Isso porque, se a gramática é ensinada como uma lista disjunta de regras, é assim que os alunos a perceberão. Se é ensinada como algo que eternamente não se sabe, é assim que os alunos a perceberão. Se é ensinada como algo a ser absorvido sem ser questionado, é assim que os alunos a perceberão.

## Referências

ANTUNES, Irandé. *Aula de português: encontro & interação*. São Paulo: Parábola, 2003.

ANTUNES, Irandé. *Língua, texto e ensino: outra escola possível*. São Paulo: Parábola, 2009.

DELL’ISOLA, Regina Lúcia Péret. *Aula de Português: parâmetros e perspectivas*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2013.

LOBATO, José Bento Renato Monteiro. *Emília no País da Gramática*. 1. ed. Porto Alegre: Editora Globo, 2008.